

JÚLIO DANTAS E A ARQUEOLOGIA MÉDICA

A. DE OLIVEIRA SOARES

Serviço de Medicina I, Hospital de Santa Maria e Faculdade de Medicina de Lisboa. Lisboa.

RESUMO

Júlio Dantas (1876 - 1962), foi um médico de actividade clínica muito restrita. A sua grande paixão era a literatura e projectou-o para um lugar da Academia, e para uma interessante carreira diplomática. Dantas, um escritor arcaizante e barroco que viveu os primeiros tempos das tendências modernistas, foi objecto de grande controvérsia. Contudo, deve reconhecer-se que se trata do dramaturgo de maior sucesso popular em Portugal, tendo vendido mais de duzentos mil exemplares da sua peça mais famosa. Há na sua obra irregular trechos de prosa muito bela. O estudo retrospectivo das doenças de que padeceram os reis portugueses motivou uma colectânea de ensaios que Júlio Dantas publicou em 1909, sob o título *Inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas - Avis e Bragança*. A obra cabe no âmbito da chamada arqueologia médica, misto de História e especulação. Dantas desenvolve uma tese genérica de degenerescência das famílias reais de Portugal, que interpreta como consequência de hereditariedade e consanguinidade infelizes. Entre o século XIII e os princípios do século XIX, monarcas e príncipes são impiedosamente flagelados pelos seus males físicos e defeitos morais. Isabel de Aragão, rainha e santa; D. Henrique, o Navegador e, mesmo, o herói nacional que foi o condestável Nun'Álvares Pereira, não escapam a uma análise severa, que não é, a maior parte das vezes, medicamente fundamentada.

SUMMARY

Júlio Dantas and medical archaeology

Júlio Dantas (1876 - 1962), was a doctor of very restricted practice. Literature was his great passion, and projected him to a place in the Academy and to an interesting diplomatic career. Dantas, an archaizing and baroque writer who lived in the first times of the modernistic trends, became the object of a vivid controversy. We must, however, recognize he was the most successful of the popular playwrights in Portugal, having sold over two hundred thousand copies of his most known play. In Dantas', somewhat irregular work there are very beautiful pages of prose. The retrospective study of the diseases that afflicted the Portuguese kings is the subject of a collectanea of papers, published by Júlio Dantas in 1909, under the title *Medical inquiries to the portuguese royal genealogies - Avis and Bragança*. The book is within the limits of the so-called medical archaeology, a mix of history and speculation. Dantas presents a generic thesis of degeneration of the royal dynasties of Portugal, explained as natural consequence of heredity and consanguinity. Between the 13th. century and the beginning of the 1800s, monarchs and princes are implacably flagellated, because of their physical diseases or moral faults. Isabel of Aragon, the saint-queen; prince Henry the Navigator; even the national hero, the constable Nun'Álvares, as many others, do not escape the severity of an analysis which, in most cases, is not medically accurate.

A investigação da doença e morte de personagens eminentes do passado, a que alguns chamam metaforicamente *arqueologia nosológica* ou *arqueologia médica*, é uma tentação para muitos médicos-escritores, como também para escritores não médicos, incluindo vultos dos *maiores* (Herculano, Camilo e Aquilino, v.g.).

No caso português, os alvos preferenciais têm sido os reis.

As esferas estatais mostraram-se por vezes sensíveis a esse tipo de levantamento nosológico. No período romântico foram oficialmente exumados e estudados os despojos mortais contidos nos túmulos dos monarcas das duas primeiras dinastias e seus parentes próximos. A iniciativa pouco produziu: recuperaram-se raras peças de vestuário e armaria com algum interesse e ficámos a saber pormenores irrelevantes - que D. Dinis era alto e ruivo, que havia

um esqueleto de recém-nascido inumado no sarcófago de D.Fernando I, para dar dois exemplos.

Júlio Dantas (1876-1962), médico e académico (Fig. 1) que se distinguiu principalmente por uma extensa obra de ficção literária, ocupou-se em várias ocasiões da nosologia de reis e aristocratas. A parte mais significativa desta faceta do popular e polémico escritor está publicada sob o título *Inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas - Avis e Bragança*. Constitui a primeira parte do volume *Outros Tempos* (1909; edições ulteriores, com alguns acrescentos).

Estes ensaios são curiosos a vários títulos, mas muito relevantemente pela clara intenção de dizer mal. Vejamos como.

Há uma tese genérica. Os monarcas portugueses, suas esposas e filhos, foram uma sequência de degenerados, produto fatal de casamentos consanguíneos. As excepções são raras, determinadas a longos intervalos por saudável bastardia de sangue plebeu que age como *intercorrência regeneradora*.

Júlio Dantas aponta um estigma da hereditariedade infeliz que castigou os nossos reis, o tipo físico ariano, louro e dolicocefalo. Em oposição, o sinal da entrada feliz de sangue puro seria o tipo celta-eslavo, moreno e de tendência braquicefálica.



Fig. 1 - O Dr. Júlio Dantas, na época áurea das frequentes embaixadas culturais ao serviço do Estado Novo.

Numa primeira crítica, surpreende que Dantas conhecesse os tipos físicos de monarcas de que não se identificaram até hoje retratos. A primeira pessoal real retratada, e presuntivamente, é D.João I (Fig. 2), o décimo soberano (pequeno quadro da colecção permanente do Museu Nacional de Arte Antiga). Só existe uma iconografia relativamente regular a partir do décimo quarto rei, D.Manuel I. E que quer dizer isso dos morenos celta-eslavos?...

Louros... certamente - diz Júlio Dantas dos reis da casa de Borgonha, não consentindo discussão em terreno que pisava mal...



Fig. 2 - Retrato de D.João I. Pintura sobre madeira (41x32cm). Mestre desconhecido - Van Eyck? (Museu Nacional de Arte Antiga).

As fontes destes ensaios são apenas os escritos de muitos autores do passado. Júlio Dantas serviu-se de historiadores correctos, como Fernão Lopes e Garcia de Resende, de cronistas mais falíveis, de comentadores ocasionais, e de simples bisbilhoteiros ou fantasistas, fradescos e laicos. Honra lhe seja feita, cita-os todos, em notas de roda-pé, os bons e os que deixam dúvidas.

O que fica absolutamente claro pela leitura dos textos é o mal estar de Dantas para com a realeza. De D.Afonso III a D.João VI diz mal, às vezes muito mal, de quase todos os monarcas. O seu acinte atinge mesmo figuras insuspeitas de grandes estadistas do tempo em que viveram, como D.Dinis e D.João I. Parece esquecer-se de D.Afonso V e poupar D.Maria I.

Atendendo aos gostos aristocráticos e cortesãos de Júlio Dantas, ocorre a hipótese de tanta má língua representar um *ranger de dentes* por mercês não concedidas. Mera suposição!

Outra surpresa, depois da correlação tipo físico-degenerescência, é a descoberta do autor dos ensaios de terem começado com a alfabetização os problemas régios.

Bravos guerreiros que assinavam de cruz, passaram do tipo *medular* ao tipo *cerebral* quando aprenderam a ler, tornando-se *sedentários, moles, eruditos*. A prova é o pouco pendor bélico, aliado a gostos poéticos e musicais, dos dois primeiros reis letrados, D.Afonso III e D.Dinis.

Mais adiante, é especialmente censurado o culto rei D. Duarte, estudioso e filosófico.

Conclui-se que Dantas era contra a cultura - pelo menos a que não fosse sua.

Apresento uma *recolha* de comentários às pessoas reais e a alguns grandes aristocratas, centrando a sua nosologia, congênita e adquirida. Atente-se na irreabilidade médica de muitas das presunções do escritor e na insistência obsessiva na patologia epiléptica-artrítica-neurótica-sifilítica.

Afonso IV era uma criatura violenta, sombria, quase lúgubre, absorvida no delírio da razão de Estado.

D. Pedro I, um epiléptico, ao mesmo tempo lúgubre e patusco, cheio de insónias, de terrores nocturnos, gago, cruel, violento, crivado de psicopatias sexuais... o mais devasso de todos.

D. Fernando... um adúltero e um infanticida...

João I: ... ambicioso vulgar, tortuoso e calculista... sem um rasgo de bravura... manhoso e cruel, astuto e medíocre... melancólico e suspeito de epilepsia.

D. Duarte... uma criatura desagradável... de pouca barba, o que é de resto comum entre os degenerados (!)... filho e neto de epilépticos, portador duma pesada carga neuropática... com manifesta intolerância ao álcool, traíndo a fraqueza funcional dos centros nervosos vasculares (!)... pobre filósofo... relendo a Pastoral de S. Gregório, as Epístolas de Séneca... sonhando com a Legenda Dourada... sonhando com o renascimento do Direito Romano... em vez de dormir.

Infante D. Henrique: ...que nunca conheceu sombra de mulher!... Virgem até à morte.

Infante D. Pedro: ...filósofo elegante e hipócrita... de pretensa bondade... dissimulado e tortuoso.

Infante D. Fernando: ...um desequilibrado que passou a vida a fugir para África... morre virgem como Galaaz.

D. João II, artrítico profundo com a cabeça inteiramente branca aos trinta anos.(!)

D.^a Leonor de Portugal, mulher de D. João II, fundadora das Misericórdias: ...criatura patibular, sombria, misteriosa, sobre cuja memória pesa uma suspeita horrível. (A suspeita é quase só de Dantas e trata-se de hipotético uxoricídio. Que aborreceu o marido é certo, que o tenha morto é impropriadíssimo).

D. Manuel I: imbecil macromélico, crivado de estigmas de degenerescência... pesado, oligotrófico, face balofa, testa curta... um imbecil com sorte!... espécime de neandertal.

D. João III: ...gotoso, opado... quase idiota... sempre doente... condenado a ver morrer os filhos que tivesse... por fim, hemiplégico e apático.

D. Sebastião: ...um epiléptico misógino, criado no horror da mulher pelos teatinos... sem potência de homem!

Comentário geral à casa de Avis: uma dinastia de artríticos e de loucos. (Duplamente falso!).

Passa-se à quarta dinastia, com a seguinte frase-súmula: Os Braganças, estirpe de nevrosados e doentes... por cima cruzados com os estrumosos de Medina Sidónia! (Forte e algo injusto!).

D. Afonso VI: ...em seguida a uma poliomielite infantil... fiça aleijado, obeso, idiota, presumivelmente impotente. (É mais provável que a doença fosse uma meningo-encefalite).

D. Pedro II é considerado o disseminador da sífilis por todas as gerações da sua descendência. (É sifilítico era,

sem dúvida, mas dos descendentes sifilíticos, e nem todos o foram, há que dizer terem feito bastante para adquirir a doença...).

D. João V... exemplar de cesarite aguda, degenerado, homossexual(!). (Da cesarite gosto, mas considerá-la crónica...).

A duquesa de Cadaval, sua irmã: ginandra, estéril, hercúlea, que morre doída. (Diz-se que Dantas gostava de mulheres baixas).

D. José: ...heredo-sifilítico... logo sangrado aos três anos de idade, pelos adenoides... vitimado de trombose, sifilítica ou ateromatosa, esta frequente nos velhos e, sobretudo, nas raças riais fundamentalmente oligotróficas.(!)

D. João VI, documento admirável das úlceras dos Braganças e do beijo dos Habsburgos. (Ainda mais beijado que eles, a avaliar pelos inúmeros retratos existentes).

*A análise temperamental e nosológica pára em D. João VI. Talvez o autor de *O Primeiro Beijo* não tenha querido tocar em parentes ainda próximos do monarca reinante na época da publicação dos ensaios, talvez estivesse esperançado em alguma distinção real, apesar de tão zangado com a realeza...*

*Ironicamente, Júlio Dantas entraria mais tarde numa autêntica euforia aristocrática, muito saudosista dos tempos galantes e mesureiros da corte do século anterior àquele em que nascera. *Quem desdenha, quer comprar.**

É muito curiosa a dúplíce moralidade de Dantas nestes estudos, ora censurando os adúlteros e os devassos, ora louvando as saudáveis bastardias como *intercorrências regeneradoras*.

Particularmente viva, a sanha contra a castidade. Atira-se ferozmente contra o pobre e neurasténico D. Duarte, porque casou virgem, aos trinta e sete anos. Bate repetitivamente nos infantes D. Henrique e D. Fernando, porque eram castos. Mesmo o cardeal D. Jaime, filho do Infante D. Pedro e falecido na juventude, merece a Júlio Dantas um retrato de pura repulsa: *casto como os tios... levou a castidade ao delírio... recusando os conselhos médicos*.

D. Sebastião também é censurado, pela castidade que Dantas lhe atribui. A este respeito as dúvidas são muitas, havendo em outros cronistas insinuações de homossexualidade; e referências a ter frequentado as prostitutas do bairro do Mocambo (actual Madragoa) que lhe teriam transmitido gonorreia - veio a dizer-se a mesmíssima coisa de D. Afonso VI, cem anos depois do *encoberto*.

Conclui-se, assim, que Dantas tanto censurava a libertinagem como a pureza e que tinha pouco critério na atribuição de comportamentos sexuais a personalidades do passado, rotulando de homossexuais casos tão diferentes como foram D. Pedro I e D. João V.

Também a santidade oscila, no juízo do escritor, entre coisa de bem e coisa de mal, pelo menos na aparência.

Desta forma, a Rainha Santa Isabel colhe poucos dividendos, classificada que é como *uma pobre infanta taciturna, doente, cheia de alucinações, de perturbações nervosas*. Júlio Dantas não acreditava, obviamente, nos milagres da mulher de D. Dinis. Creio que tinha uma certa razão, neste pormenor, pois são atribuídos prodígios semelhantes, incluindo o *milagre das rosas*, à tia de Isabel, também Isabel, também rainha-santa, mas da Hungria.

Do Infante Santo, D. Fernando, já vimos que era má a opinião de Dantas, particularmente por ser casto, e análoga aversão lhe provocava a memória da castidade sacerdotal do sobrinho, o cardeal D. Jaime, a despeito deste infeliz moço ter falecido na verdura dos vinte e cinco anos.

Nuno Álvares Pereira, cujo processo de beatificação corria na época, preocupa sobremaneira Júlio Dantas, que lhe dedica um ensaio isolado, prevendo a resposta do Vaticano para o ano 2016. Receia o ridículo da descoberta, pelo cardeal-diabo, de não ter sido o condestável santo senão por lenda, com prejuízo da imagem nacional. Conta uns episódios de impetuosidade juvenil e bravura medieval, que considera prova de mau feitio, sadismo e perturbação mental. Mais uma vez lhe causa grande aflição a castidade de Nun' Álvares, atribuindo-a a inibição e remata que, mesmo herói, foi-o por ser louco... e epilético, pois claro!

Em contrapartida, há dois santos muito bem tratados, os reis Fernando o Santo, de Castela e São Luís dos franceses. A razão deste carinho é que ambos foram antepassados de D.^a Filipa de Lencastre e são, para Dantas, a única razão da excelência da mulher de D. João I. *Seria a grave e virtuosa princesa normanda uma ressurreição, uma reminiscência dessas duas figuras suavíssimas de Santos?* -interroga-se o escritor, talvez mais inclinado a admitir uma hereditariedade recessiva do que um fenómeno atávico.

De facto, D.^a Filipa de Lencastre, a única personagem de quem Júlio Dantas diz bem, incondicional e decididamente, tinha uma ancestralidade carregada, pois pertencia à dinastia inglesa dos Plantagenetas, cheia de figuras terríveis ou perversas.

Dois reis, Eduardo II, bisavô de D.^a Filipa e Ricardo II, seu primo, eram homossexuais escandalosos, o último também assassino (do arcebispo de Cantuária) e louco. O duque de Lencastre, João de Gand (ou Gaunt), pai da futura rainha de Portugal, um devasso adúltero que Dantas considera *absolutamente desprovido de senso moral... vivendo sob o mesmo tecto com a amante, a segunda mulher e os filhos da primeira mulher.*

Dois irmãos, Henrique IV de Inglaterra era epilético e enlouqueceu; Isabel, condessa de Penbroke, era uma devassa; Catarina, que casou com o rei de Castela, Henrique, o Enfermo, *era um ser ginandro, degenerado e ruivo* - Júlio Dantas associava muito o tipo ruivo a degenerescências... - e, pior que tudo, uma alcoólica incorrigível, que ficou hemiplégica aos quarenta e dois anos e morreu aos cinquenta, dum segundo ictus (Dantas não hesita em falar de hemorragia cerebral).

A encarregada de educar D.^a Filipa foi a amante do pai, Catarina Rouet, amor, fugida ao marido, acomodada a viver com as duas sucessivas mulheres de João de Gand, Branca de Lencastre, a mãe de D.^a Filipa e Constança de Castela. Da ligação adúltera nasceu um filho, Henrique, meio-irmão, portanto, de D.^a Filipa. Júlio Dantas diz dele: *...era um pobre diabo apagado, nulo, impotente - não sabiam que lhe fazer, fizeram-no cardeal de Winchester...*

Mortas as mulheres de João de Gand, Branca e Constança, o duque desposou a amante, em vida do marido desta, um ignoto Sir Hugh *que não teve o espírito suficiente para mandar fazer uns chavelhos de oiro, como o marido de Leonor Teles.*

A agravar as perspectivas genéticas da infanta Filipa, a linha materna estava cheia de *estigmas somáticos, malformações, assimetrias, monstruosidades*. Eram os Lencastres, com alcunhas elucidativas, de facto: Edmond, o Corcunda; Henrique, o Torto; Matilde, Pé-boto.

Com tão feia hereditariedade e educada num lar vicioso, aberrante, por uma mulher que se comportava pessimamente, D.Filipa de Lencastre, severa e virtuosíssima, moralizadora da vida do rei seu marido e da corte, mãe e educadora de filhos exemplares (ainda que alguns fossem castos, com mágoa de Dantas...), é um fenómeno difícil de entender.

Donde nos veio aquela asa branca? - pergunta-se, intrigado, o escritor-ensaísta, em tom que levanta a suspeita de admitir a reencarnação (dos dois santos reis, perdidos naquele ancestro de monstros morais e físicos). Fosse esta a explicação, ou fosse a tal expressão errática dum gene recessivo, uma coisa é certa: D.^a Filipa não foi talhada pela educação, que não a teve. (E Dantas descrê do poder da pedagogia, como se desprende de tanta ênfase na hereditariedade).

Há grandes falhas de capacidade médica nas interpretações de carácter nosológico feitas por Júlio Dantas nestes estudos, que pretendeu médicos e históricos, a um tempo.

Ao infante D. João, filho de D.João III e pai adolescente de D.Sebastião, censura a *gulodice*, apesar do correcto diagnóstico de diabetes feito pelos médicos da corte. (Sempre que se fala de médicos régios, Dantas chama-lhes *arquimédicos*, em contexto um tanto irónico, subtilmente depreciativo: quereria ser médico da corte e estaria melindrado por não o ser ?).

Dois outros pormenores, sobre o malogrado infante. Júlio Dantas postula que o precipitado casamento que lhe fizeram, aos quinze anos, temendo a sua morte sem herdeiro para a coroa, lhe terá comprometido o fraco equilíbrio, fazendo-o emagrecer (!). Pior, o autor dá o príncipe como morto de broncopneumonia, por se estar em Janeiro (de 1554) e outras razões fantasiosas, quando cita testemunhos que dão um perfeito retrato dum quadro de ceto-acidose diabética!

De D.Sebastião (Fig. 3), filho póstumo do anterior, considera Dantas que a epilepsia (não provada!) se relacionava com a diabetes do pai (!).

Outro exemplo flagrante de má interpretação médica é o caso da infanta D.^a Joana, filha de D.João IV, qualificada de histerica e *criatura profundamente tarada*, mas aceitando Dantas os diagnósticos dos *arquimédicos*, de colite crónica e morte por hemoptises repetitivas, *muito seca de carnes*, na idade de dezassete anos, e *nunca tendo sido menstruada*. Tuberculose, somente ou associada a colite inflamatória não específica, endometriose, como alternativa, e urémia por glomerulonefrite, seriam hipóteses mais plausíveis, e perfeitamente equacionáveis na época de que data o ensaio sobre D.^a Joana (cerca de 1915).

A transmissão da sífilis de D.Pedro II a todas as gerações dos Braganças é fantasia epidemiológica. A prova dada, as úlceras de perna de que todos sofriam, *sem excepção*, é argumento fraco, pela relação não obrigatória com sífilis e é estatística errada, pois houve muitos Braganças poupados pelas úlceras e elas não reapareceram depois da geração de D. João VI.

Pelo contrário, o ensaio (posterior a vários dos outros, talvez de 1912) sobre *O síndrome glosso-labiado do rei*



Fig. 3 - Retrato de D. Sebastião. Óleo sobre tela (99 x 85 cm). Cristóvão de Morais. (Museu Nacional de Arte Antiga).

D. José é interessante e inspirador. A análise das prováveis localizações anatómicas das lesões encefálicas, feita a partir dos sintomas descritos no diário do Marquês de Pombal, é correcta e perspicaz. Este ensaio nasceu duma comunicação à Academia das Ciências, é o mais cuidado.

Concluo que Dantas não seria um ás da Medicina, mas estava apto a preparar uma boa comunicação, com tempo e com estudo. Alternativamente, é admissível que a paixão de condenar, de provar a *degenerescência das raças riais* lhe tenha, em vários dos ensaios, toldado o conhecimento médico, a objectividade científica.

É impressionante o desprezo com que aos atributos negativos, aos defeitos e vícios das personagens se soma o qualificativo de *doente*. Mau e doente, taciturno e doente, vicioso e doente, adúltera e doente, etc. Júlio Dantas terá sido um médico bem pouco compassivo, um médico que alinhava as doenças com os defeitos morais, em suma, um médico que não gostava de doentes. Se assim não era, parece mesmo e não o enaltece.

Finalmente, que dizer da forma do livro, do seu valor literário, já que os méritos histórico e médico são escassos?!

Júlio Dantas foi um escritor prolixo e discutido. Extremamente popular na pequena e média burguesias, era muito menos querido dos intelectuais, avessos ao seu estilo rococó.

António José Saraiva, na sua monumental *História da Literatura Portuguesa*, analisa-lhe com acuidade os grandes defeitos, mas deixa entrever os pontos de génio, escapando-lhe mesmo, por um momento, a qualificação de *mestre*.

A pormenorização excessiva, os maneirismos estilísticos, as repetições, embotam as virtudes do escritor e tornam muitas das suas obras enfadonhas. *Outros Tempos* é exemplo disso. A par dos aspectos negativos citados, o bom acolhimento do escritor nos meios oficiais ajuda a compreender a raiva que lhe tinham os modernistas, em particular Almada Negreiros (Fig. 4) e Guilherme de Santa Rita. Marcello Caetano, seco erudito, também não apreciou nada a forçada intimidade (quando duma missão cultural no Brasil) com este homem barroco e mesureiro, que bajulava, auferia favores, mordida depois e... usava realmente ceroulas de malha no verão, como Almada proclamou no *manifesto anti-Dantas* e ele pôde verificar (testemunho no livro *Minhas Memórias de Salazar*).

Outros Tempos e, em especial os *Inquéritos médicos às genealogias riais portuguesas*, resultam obra subalterna, do ponto de vista literário e parcial, imprecisa, como historiografia. Apesar de tudo, há alguns pedaços de boa prosa - a descrição das virtudes de D.^a Filipa de Lencastre; os rápidos, vigorosos traços, com que descreve o assassi-

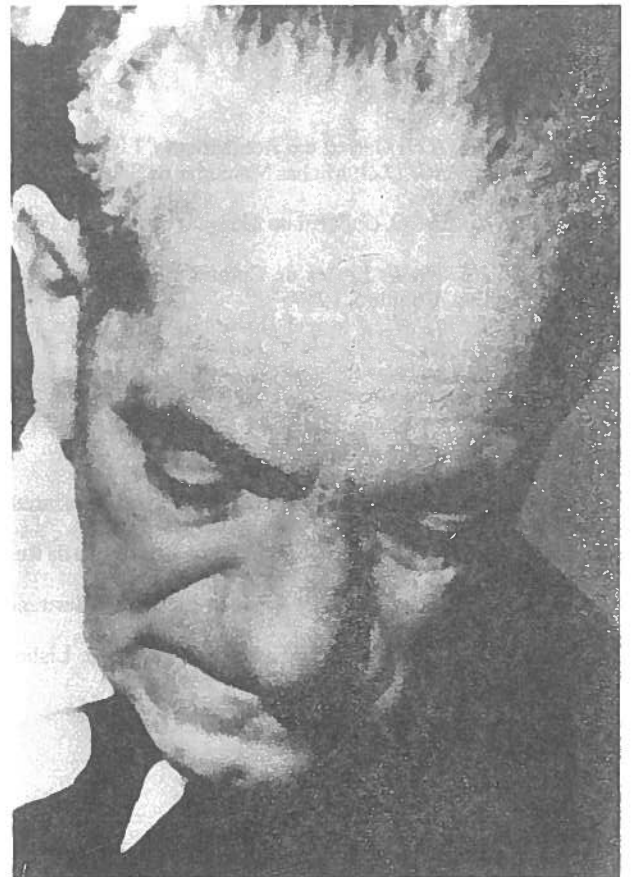


Fig. 4 - Mestre Almada Negreiros, que em 1915 desenvolveu uma virulenta campanha contra Júlio Dantas e o *statu quo* cultural por ele simbolizado.

nato, por empalamento, de Eduardo II de Inglaterra no ano de 1327, chegando neste pormenor a fazer lembrar Camilo. Vale o livro!

O rigor e o gosto também deixam a desejar. A classificação de Nun'Álvares como epilético irritou os historiadores do tempo; a personificação dum episódio burlesco e picante num amigo de Bulhão Pato fez o poeta vir desmenti-lo em público. E os pequenos erros também saltitam: chama Teotónio ao príncipe D. Teodósio, primogénito de D. João IV, por exemplo.

As mais de quarenta edições de *A Ceia dos Cardeais* mostram que o teatro de sabor popular era o forte de Júlio Dantas, que não foi um historiador e não se saíu bem na *arqueologia nosológica*. Mas não há razão para um segundo manifesto. Já não manobra nos canais de acesso aos favores e a história deu-lhe o seu lugar, o lugar dum escritor arcaizante, especioso e superficial, com alguns bons momentos. Pessoalmente, do que gosto mais da obra de Dantas, é dos bonitos versos do fado *O Timpanas...*

Mas, quem sabe se um colega qualquer que tenha lido este texto não terá vontade de folhear o volume *Outros Tempos* e sorrir um pouco, ao analisar pormenores de interpretação nosológica retrospectiva saídos da pena pouco científica do que viria a ser um rendido poeta dos encantos dum mundo e dum sistema social que, no princípio do século, tão sistemática e maliciosamente censurava, numa obra curiosa, fora do vulgar.

OBRAS CONSULTADAS:

1. BRAGA, TEÓFILO: Garrett e o Romantismo, Lisboa, 1903.
2. CAETANO, MARCELLO: Minhas Memórias de Salazar. Verbo. Mem Martins, 1985.
3. CASTELO-BRANCO, C: Perfil do Marquês de Pombal, Porto, 1882.
4. CIDADE, HERNÂNI: Lições de Cultura e Literatura Portuguesa. Almedina. Coimbra, 1959.
5. CIDADE, HERNÂNI: Portugal Histórico-Cultural. Arcádia. Mem Martins, 1983.
6. DANTAS, JÚLIO: Outros Tempos. Portugal-Brasil. Lisboa, 1909 (1.ª edição) e 1924? (3.ª edição).
7. Dicionário Enciclopédico Koogan-Larousse - Selecções. Lisboa-Rio de Janeiro-Nova Iorque, 1980 (3.ª edição).
8. Encyclopoedia Britannica: Oxford-Londres, 1912.
9. ESPANCA, TÚLIO: Évora e o Seu Distrito. Livraria Nazareth. Évora, 1967.
10. FRANÇA, EDUARDO OLIVEIRA: Portugal na Época da Restauração. São Paulo, 1951.
11. FRANÇA, JOSÉ AUGUSTO: Amadco e Almada. Bertrand. Venda Nova 1986 (2.ª edição).
12. GARRETT, ALMEIDA: Viagens na Minha Terra. Lisboa, 1843.
13. GÓIS, DAMIÃO: Crónica do Príncipe Dom Ioam: Edição restaurada por A. J. Gonçalves Guimarães. Coimbra, 1905.
14. HERCULANO, ALEXANDRE: História de Portugal - Sétima edição, definitiva, conforme com as edições da vida do autor, dirigida por David Lopes. Lisboa, 1916.
15. História de Portugal - direcção de José Hermano Saraiva. Publicações Alfa. Lisboa, 1983.
16. História Universal - direcção de José Hermano Saraiva. Publicações Alfa. Lisboa - Barcelona, 1987.
17. História da Vida Privada - direcção de Philippe Ariès e Georges Duby. Tradução portuguesa, revista. Afrontamento, Porto, 1990.
18. LEÃO, DUARTE NUNES: Crónica dos Reis de Portugal. Lello e Irmão. Porto, 1975.
19. LEVITA, FRANCISCO: Negreiros-Dantas; Uma Página para a História da Literatura Nacional. In "Petrus", Os Modernistas Portugueses. Porto, sem data (circa 1950).
20. LOPES, FERNÃO: Crónica de D.Fernando. Livraria Civilização. Barcelos, 1966.
21. LOPES, FERNÃO: Crónica de D.João I. Livraria Civilização. Porto (2 volumes), 1945 e 1949.
22. LOPES, FERNÃO: Crónica de D.Pedro I. Edição de Damião Peres. Barcelos, 1932.
23. MADAME RATTAZZI: Le Portugal à Vol d'Oiseau. Paris, 1879.
24. MARQUES, A.H. DE OLIVEIRA: Aspectos da Vida Quotidiana. Lisboa, 1964.
25. PATO, BULHÃO: Carta a Júlio Dantas, 21 de Agosto de 1905. In jornal *O Século*.
26. RACZYNSKI, CONDE: Les Arts en Portugal. Paris, 1846.
27. RAI, HIPÓLITO: D.Luís de Gusmão, Duquesa e Rainha. Lisboa, 1947.
28. REBELO, P.E. AMADOR: Relação da Vida d'El-Rey D.Sebastião (estudo e introdução de F.Sales Loureiro). Lisboa, 1977.
29. RESENDE, GARCIA: Crónica de D. João II e Miscelânea (com introdução de J.Veríssimo Serrão). Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa, 1973.
30. RIBEIRO, AQUILINO: Príncipes de Portugal, Suas Grandezas e Misérias. Livros do Brasil. Lisboa, 1952.
31. SARAIVA, A J: História da Cultura em Portugal. Lisboa, 1950-1962.
32. SARAIVA, A J L, ÓSCAR: História da Literatura Portuguesa. Estúdios Cor. Lisboa, 1966.
33. SARAIVA, MÁRIO: Nosografia de D.Sebastião. Lisboa, 1980.
34. SÉRGIO, ANTÓNIO: Testemunhos Históricos - O Desejado. Lisboa, 1924.
35. SOUSA, D.ANTÓNIO CAETANO: História Genealógica da Casa Real Portuguesa. Coimbra, 1949.
36. SOUSA, FREI LUÍS: Anais de D.João III. Edição de M. Rodrigues Lapa. Clássicos Sá da Costa. Lisboa, 1938.
37. TAVARES, MARIA JOSÉ FERRO: Os Judeus em Portugal. In História de Portugal (direcção de José Hermano Saraiva). Publicações Alfa. Lisboa, 1983.
38. Várias descrições do túmulo do rei D.Fernando, dos sinais de arrombamento que apresenta e dos despojos humanos que continha (Almeida Garrett, guia do Museu Arqueológico do Carmo, J.da Silva, Matos Sequeira e Nogueira de Brito).